

A MATERIALIDADE DIGITAL DA MOBILIDADE URBANA: ESPAÇO, TECNOLOGIA E DISCURSO

Cristiane Dias

Labeurb/Nudecri – UNICAMP

***Resumo:** Este artigo se propõe a discutir o sentido de mobilidade urbana e seus processos de significação a partir do digital. Para tanto, vou problematizar, da perspectiva da Análise do Discurso, noções como materialidade digital, espaço, cidade, sentido e sujeito, a fim de construir um dispositivo teórico-analítico que me permita compreender a emergência da discursividade digital na forma material do urbano.*

***Résumé:** Cet article propose une discussion sur le sens de mobilité urbaine et ses processus de signification d'après le numérique. À la fois, je propose une problématisation depuis une perspective discursive, des notions telles que matérialité numérique, espace, ville, sens et sujet, pour construire un dispositif théorique-analytique qui me permettra de comprendre l'émergence de la discursivité numérique dans la forme matériel de l'urbain.*

Nota introdutória

Tenho insistido em meus trabalhos (DIAS, 2014) sobre o processo de significação de mobilidade na constituição do sentido das cidades – entendida a partir dos trabalhos de Orlandi (1999, 2004, 2014) como espaço político-simbólico – e dos sujeitos, a partir da discursividade digital. Entendo que a transformação dos sentidos na/da cidade e do sujeito urbano está ligada a um modo de significação do espaço pelas tecnologias digitais, a partir das quais os processos de significação, interpretação e textualização da cidade têm se dado.

1. Mobilidade densa e mobilidade rarefeita: um espaço retigráfico

Podemos compreender a mobilidade contemporânea a partir de duas características que, para fins de explicação teórico-metodológica, vale

considerar separadamente, mas que, em seu funcionamento, são inseparáveis. São elas:

- MOBILIDADE DENSA
- MOBILIDADE RAREFEITA

A mobilidade densa, consiste no mover-se no espaço físico, de um ponto a outro, seria uma mobilidade onde o corpo e o espaço estão colados, onde há aderência ao espaço geográfico, como aponta Lafont (2004). O corpo se desloca de um ponto a outro numa temporalidade específica. Uma temporalidade de forma densa, medida pela relação com o espaço físico. Ela diz respeito à organização do espaço, sistematicidade, fixação dos sentidos.

A mobilidade densa se textualiza na cidade pela normatização do espaço, como leis e regras que regulam as vias e os percursos dos sujeitos – leis e regras de trânsito, placas indicativas, por exemplo – produzindo um sentido estabilizado, que normatiza os modos de circulação.



R-3 Sentido proibido

Figura 1 - Placa de trânsito



Figura 2 - BR116 – Foto do street view



Figura 3 - Placa Niterói Digital (Imagem: Márcio Alves/Agência O globo -15 ago. 2014)



Figura 4 - Placa wifi gratuito (arquivo pessoal/2016)

Já a mobilidade rarefeita, consiste em se mover sem sair do lugar, no fluxo das redes digitais. Estar aqui, ali e acolá, ao mesmo tempo. O corpo se desloca de um ponto para muitos, de forma instantânea pelo fluxo de dados. Uma temporalidade de forma dispersa, rarefeita. É uma espacialidade não geográfica, espaço feito de fragmentários, luminosidades, *displays touch screen*, uma espacialidade retigráfica, pela sua forma em rede.

Nessa forma de mobilidade, o corpo do sujeito e o corpo da cidade se separam e se constituem por fragmentos e virtualidades, numa espacialidade retigráfica. Na mobilidade rarefeita, predomina a

velocidade, a explosão dos sentidos, a debandada. “Sentidos em fuga”, no dizer de Orlandi (2012).

A conectividade seria o fator que reúne essas duas formas de mobilidade para as quais estou apontando, constituindo a materialidade do urbano contemporâneo, pelo digital, pois é a conectividade que significa o sujeito num ponto do espaço geo-retis-gráfico, se considerarmos a estrutura das redes e das ruas.

Se observarmos as capturas de tela abaixo, veremos o ponto em que a conectividade reúne as duas formas de mobilidade, dando forma ao espaço retigráfico.

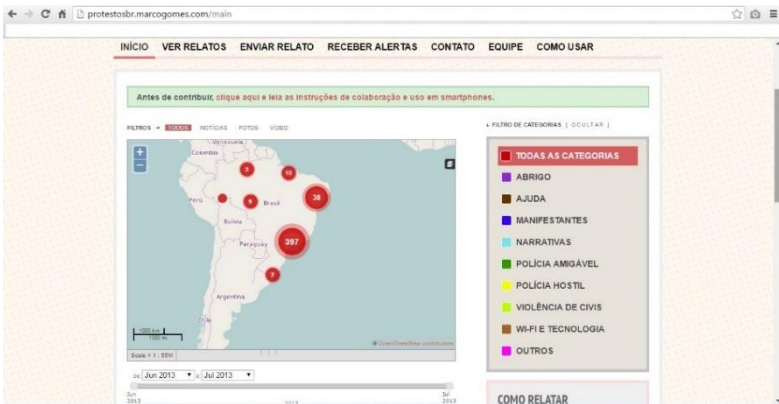


Figura 5 – mapa colaborativo protestos.br



Figura 6 – mapa colaborativo protestos.br



Figura 7 – mapa colaborativo <http://protestosbr.marcogomes.com/reports/view/57>

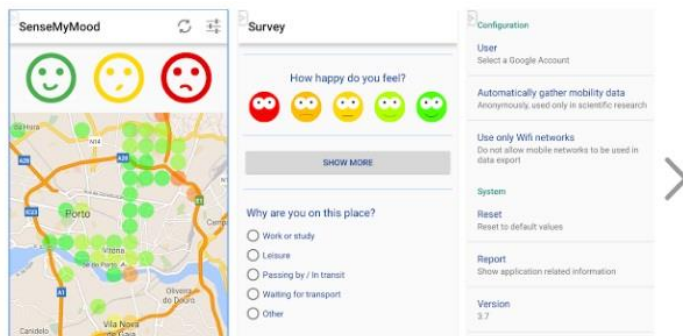
Trata-se de um mapa colaborativo, criado na ocasião das manifestações brasileiras, ocorridas em junho de 2013, inicialmente, em protesto ao aumento de 0,20 centavos nas tarifas de ônibus de São Paulo. O objetivo do mapa colaborativo é auxiliar os manifestantes a conhecerem a situação das ruas onde está ocorrendo cada protesto. Esse auxílio se dá por meio dos relatos enviados pelos próprios manifestantes, que, a partir de seus telefones móveis, enviam alertas sobre situações de risco, violência, abuso, estabilidade, tranquilidade, ajuda, abrigo, acesso *wifi*, conforme as categorias elencadas no menu à direita (figura 5), e vão construindo o espaço retigráfico, mapas de rede.

Nas capturas de tela 6 e 7 (figuras 6 e 7), vemos que, por meio dos relatos, os sujeitos dão orientações a respeito da situação das ruas na ocasião das manifestações. “Policiais fecham a Av Paulista” (figura 6) e na categoria “Polícia hostil”: “De um lado, bomba de gás lacrimogêneo, de outro, rojões. Segue a batalha em BSB” (figura 7). A mobilidade rarefeita, nesse caso, constrói discursivamente a mobilidade densa como referente discursivo.

Como afirmei anteriormente, a mobilidade densa e a mobilidade rarefeita se atravessam, para constituir sujeito, sentido e espaço retigráfico. Espaço urbano e espaço digital produzindo a forma material cidade, pela conectividade dos sujeitos. A conectividade seria, então, a forma material da mobilidade contemporânea, uma vez que é por meio da conectividade que o sujeito pode tecer a rede cartográfica do espaço.

O uso dos aplicativos em aparelhos móveis, como os smartphones, é também uma ferramenta fundamental da mobilidade digital e da significação do espaço retográfico, espaço simbólico-tecnológico de sujeitos e sentidos.

Um exemplo é o Aplicativo experimental *SenseMyMood*, que pretende mapear o grau de felicidade e satisfação das pessoas em determinados lugares do espaço urbano. Por exemplo, um sujeito pode enviar ao aplicativo informações sobre como se sente entediado num congestionamento numa avenida determinada ou feliz numa praça específica. Com isso, é possível cruzar os dados enviados por diferentes sujeitos e mapear os lugares em que eles se sentem mais felizes, bem como o que produz neles esse sentimento de felicidade. Da mesma forma, o que produz o sentimento de irritação, tédio, tristeza, como falta ou demora no transporte público, falta de segurança etc. Além disso, o próprio sujeito pode acessar o histórico dos lugares em que ele esteve e ter acesso à memória de como ele se sentiu naquele lugar. O projeto foi desenvolvido por pesquisadores da Faculdade de Engenharia do Porto, em parceria com a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto¹.



Are you Moody? Temperamental? Or Happy-Go-Lucky? See the impact your emotions have on the World's general mood! Contribute and discover the happiest (or the saddest) places on Earth. SenseMyMood is a collaboration between FEUP and FPCEUP.

The collected data will allow to understand whether there are areas where people feel better/happier, and whether there are environmental factors that correlate with the perceived happiness, like noise or the reason for being there.

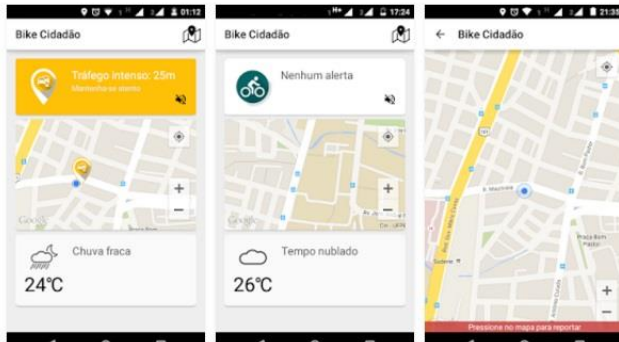
Moreover, SenseMyMood will collect mobility information, to quantify traffic light waiting times, identify traffic congestions at different times of day, and know how many people actually move from one part of the city to another, using which transportation mode.

We do not store personal information, besides what is asked in the demographic questionnaire on the first use. We do not process or analyse the data per individual, but only as aggregate.

Figura 8 – App SenseMyMood

https://play.google.com/store/apps/details?id=future.cities.moodsensor&hl=pt_BR

Outro exemplo dessa mobilidade no espaço retigráfico é o aplicativo *Bike Cidadão*.



A aplicação móvel de crowdsensing para a navegação de bicicleta e compartilhamento de informação para outros ciclistas. Bike Cidadão fornece um recurso de crowdsensing para compartilhar pontos de perigo nas ruas da cidade, informar as condições meteorológicas e enviar alerta de voz de pontos perigosos mais próximas em tempo real. Desenvolvido pelo projeto, Engenharia de Software para Cidades Inteligentes (ESCIn), PRONEX-FACEPE-APQ 0388-1.03/14, do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Engenharia de Software (INES).

Figura 9 -

https://play.google.com/store/apps/details?id=br.ufpe.cin.contexto.bikecidadao&hl=pt_BR

Conforme descrição (figura 9), esse aplicativo funciona pelo compartilhamento de informações enviadas pelos ciclistas a respeito da situação das ruas, para melhoria da circulação de outros ciclistas. A circulação de bicicletas é uma questão importante da mobilidade no espaço urbano aderente, das cidades sustentáveis. Dessa forma, o *Bike Cidadão* é um aplicativo que textualiza o espaço urbano, a mobilidade densa, pela mobilidade rarefeita, fazendo com que o sujeito circule determinado pelas informações recebidas pelo espaço digital compartilhado:

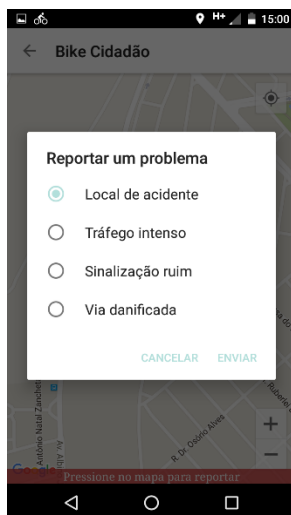


Figura 10 – captura de tela de smartphone pessoal

É essa textualização do tecnológico e do espaço urbano que produz o espaço retigráfico, *meio material* no qual considera-se a técnica encarnada no mundo, em sua base tecno-histórica, não como transparência, mas como materialidade. Orlandi (2004, p. 130), ao refutar a compreensão da linguagem como mero instrumento de comunicação e coloca-la na relação com o político, a subjetividade, a ideologia, “sendo assim muito mais complexa do que aparentam seus produtos simplificados”, afirma que seus “meios” são meios materiais. É nesse sentido que tomo aqui meio material como técnica encarnada no mundo.

Paveau (2013) em seus trabalhos, fala em termo de “tecnologia discursiva” ou “tecnó-discursiva”, o que ela define como:

l’ensemble des processus de mise en discours de la langue dans un environnement technologique. C’est un dispositif au sein duquel la production langagière et discursive est intrinsèquement liée à des outils technologiques en ligne ou hors ligne (ordinateurs, téléphones, tablettes, logiciels, applications, sites, blogs, réseaux, plateformes...). La technologie discursive implique une nature composite des productions langagières.²

Nessa perspectiva, considero, aqui, a relação constitutiva entre tecnologia digital e espaço urbano, *on-line* e *off-line*, no que se refere à significação do espaço, à ordem e à organização³ das cidades. A determinação dos percursos urbanos dos sujeitos, sua mobilidade, se dá por essa constitutividade, *meio material* pelo qual o sujeito é individualizado em seus percursos significantes, pois, como ensina Orlandi (2001, p. 13), a discursividade é um *continuum*, sempre recortado por diferentes versões “(interpretação, formação discursiva, ideologia)”. Daí o trabalho da autora sobre a noção de “forma material”, que inscreve, na reflexão sobre o texto, o processo pelo qual se tem acesso indireto à discursividade.

2. Suporte, forma material, materialidade

Ao definir a noção de “forma material”, Orlandi (1998, p. 47) a distingue da forma abstrata, considerando “ao mesmo tempo forma e conteúdo enquanto materialidade”, e da forma empírica, afastando-se de uma perspectiva pragmática. Com isso, leva em conta a base linguístico-histórica deslocando a análise positivista para a materialista. Na esteira da autora, ao buscar compreender os processos de simbolização do espaço urbano retigráfico pela noção de *meio material*, estou considerando os modos de individualização do sujeito urbano pelo digital. Num movimento teórico semelhante ao de Orlandi, estou levando em conta a base tecno-histórica, ao considerar a materialidade do espaço, deslocando a compreensão e análise do espaço de uma perspectiva empírica e abstrata, do espaço neutro, para uma análise materialista, sem incorrer no risco de reduzir, como diz Orlandi (2012), a materialidade “ao que está dito” ou ao “dado de qualquer natureza que seja”. A centralidade teórico-analítica, nesse caso, é deslocar a compreensão do espaço e da tecnologia como suporte da/para a mobilidade. O espaço se constitui ao mesmo tempo em que o sujeito se move nele, seja a mobilidade densa ou rarefeita. Os trajetos se contornam pela mobilidade, expandindo digitalmente o espaço. As formas da mobilidade pelo digital produzem diferentes efeitos de sentidos para o espaço e para o sujeito, “específicos à sua forma e sua materialidade” (ORLANDI, 2006, p. 5).

Dessa perspectiva, de acordo com Orlandi (2001, p. 11-12), “os meios” não são nunca neutros”. Daí a importância de considerar os meios como parte constitutiva do sentido, bem como a maneira com que

ele se formula, se constitui e circula. Sendo assim, da maneira como estou buscando descrever *meio material* é possível compreender que uma rua ou uma direção na cidade, ou uma placa *wifi*, ou um aplicativo utilizado por um sujeito para se locomover ou localizar no espaço urbano, como vimos nos exemplos de mobilidade, são parte de um processo de significação, em sua forma de existência histórica, a partir da qual se constroem as coisas-a-saber (ORLANDI, 2012, p. 52). Não se trata de meros suportes da comunicação através dos quais os sujeitos se comunicam pelo envio e troca de dados; discursivamente, diremos que, nesse caso, trata-se do *meio material*, constituído ao mesmo tempo por uma mobilidade densa e uma mobilidade rarefeita. São, como afirma Orlandi (2004), “formas do discurso urbano”.

Culiolli (1981, p. 191), na mesa-redonda “discurso, história-língua” do colóquio *Matérialités Discursives*, ocorrido em 1981, em Nanterre, afirmava naquele momento acreditar estar lidando com uma forma de positivismo ligada a uma certa concepção de materialidade. Essa é, atualmente, uma convicção que se impõe em muitos trabalhos em Análise de discurso que tomam o digital como “suporte” de suas análises (embora digam se tratar de materialidade), desconsiderando a dimensão significativa do espaço. Há uma displicência teórica na maneira como materialidade digital vem sendo tomada de modo indistinto de suporte digital nos procedimentos analíticos em Análise do discurso digital.

Culiolli aponta três maneiras de se conceber a materialidade:

On peut concevoir la matérialité comme un phénomène, à la limite physique, susceptible d’une analyse spatio-temporelle.

D’un autre côté on peut aussi la concevoir, pour continuer ce genre de métaphore, comme une sorte de bloc incontournable, à partir duquel on peut reconstruire quelque chose.

Mais on peut aussi songer à une autre conception de la matérialité, selon laquelle l’énoncé est un construit théorique (...) ⁴ (CULIOLLI, 1981, p. 191)

Ora, conceber a materialidade conforme as duas primeiras alternativas apontadas pelo autor é uma possibilidade que nos levaria, sem dúvida, ao modo como o digital vem sendo concebido como suporte. Concebê-la, porém, como um construto teórico, como propõe

Culiolli, significa justamente levar em conta o acontecimento do discurso da tecnologia, sua inscrição na memória discursiva e sua atualização nas formulações digitais. Implicaria considerar a técnica encarnada no mundo. Ainda segundo Culiolli (idem, p. 191), “Ce serait un autre emploi de “matérialité”: non pas matière (préexistant de toute façon comme unité physique) mais forme. Cette forme ne serait pas amorphe, mais produite par tout un ensemble d’opérations, constitutives de toute activité symbolique humaine.”⁵

É aí que considero os aplicativos em sua materialidade, nem apenas matéria (unidade física), nem apenas forma (substância), mas “forma material”, tal como definida por Orlandi (2001, p. 39, 40) em seus trabalhos, como forma discursiva, linguístico-histórica.

3. Meio material, circulação

Partindo da definição de forma material de Orlandi (1998, 2001, 2012), cujos contornos teóricos delineamos no item anterior, o *meio material* tem como princípio articular materialmente tecnologia e espaço.

Debray (1993, 1995), em sua midialogia, vai além da simples consideração dos meios de comunicação de massa como suporte no sentido empírico e abstrato. Como afirma o autor, “o médium, no sentido McLuhan da palavra, não passa do nível térreo. Portanto, não podemos nos deter aí.” (DEBRAY, 1995, p. 21).

Muito antes de McLuhan, a história da escrita tinha materializado o *medium is message* mostrando de que maneira o material condiciona o utensílio de inscrição que, por sua vez, dita a forma da escrita. A midialogia amplia o movimento e prolonga o comando material do domínio gráfico ao universo moral e simbólico. O utensílio modifica o espírito do traçado, mas também os traços do espírito de um tempo, o estilo de um *Zeitgeist*. (DEBRAY, 1993, 208-209)

Debray (1995) vai se afastar de uma visão substancialista do *médium*, buscando uma posição intervalar entre técnica e cultura, não automática e nem direta. Também se afasta de qualquer abstração dos suportes e redes, como as antíteses escrito/oral. Segundo Debray (1995, p. 25), “um médium desenvolve-se a partir do meio em que está

inserido”, ou seja, trata-se de pensar a exterioridade constitutiva do médium. Discursivamente, sua materialidade.

Ainda para o autor, “ao pequeno sistema suporte-dispositivo que faz o médium corresponde o grande sistema médium-meio, complexo sociotécnico que constitui o objeto peculiar da midialogia positiva, histórica”. (DEBRAY, 1995, p. 26).

É a partir dessa relação complexa médium-meio que me interessa pensar *meio material*, da perspectiva da Análise de Discurso, ou seja, pensar o dispositivo, a técnica, o espaço em sua materialidade. Não subestimar as condições sócio-históricas de produção dos sentidos que determinam e formulam os próprios dispositivos técnicos. Como afirma Debray (1995, p. 29), “o edifício dos signos comporta três patamares: físico (técnico), semântico e político”.

Para a Análise do discurso digital esses três patamares são igualmente importantes e constituem o *meio material*, no qual está implicado, em nosso procedimento analítico, o momento da circulação dos discursos. Segundo Orlandi (2001), a circulação é também uma das instâncias de produção dos discursos, ao lado da constituição e da formulação⁶. Nesse sentido, o modo como um discurso circula é parte do seu processo de significação. No entanto, ao perguntar em que meio e de que maneira um discurso circula, não se está perguntando por seu suporte. Como diz Orlandi (2001), saber se escrito em uma faixa, documento, carta etc., não significa perguntar pelo suporte, mas pela matéria significativa à qual o sentido não é indiferente, pois é ela que lhe dá uma forma (ORLANDI, 1998).

Nessa perspectiva, um texto escrito num outdoor numa cidade, significa de uma certa maneira. Vejamos:




Figura 11 - Captura de tela de postagem no twitter

Segundo Orlandi (2001, p. 12), quando pensamos um texto, pensamos:

Em sua materialidade (com sua forma, suas marcas e seus vestígios); como historicidade significativa e significada (e não como “documento” ou “ilustração”); **como parte da relação mais complexa e não coincidente entre memória/discurso/texto**; como unidade de análise que mostra acentuadamente a importância de se ter à disposição um dispositivo analítico, compatível com a natureza dessa unidade.⁷

À luz dessa formulação, gostaria de analisar a figura 7 como parte da relação mais complexa e não coincidente entre memória/discurso/texto. Segundo ensina a autora, para o analista interessa os pontos no texto onde incide a discursividade, que se manifesta materialmente no texto. Sendo assim, chamo a atenção para a incidência da discursividade digital, que se manifesta na textualidade do outdoor instalado numa via urbana. É somente pela complexidade da relação memória e discurso que é possível produzir sentido para esse outdoor; isso, por sua vez, só é possível a partir da discursividade do digital. Em maio de 2016, na ocasião do início do processo de

impedimento da presidenta brasileira Dilma Roussef, usuários da rede social *Facebook* iniciaram um movimento de contestação chamado Vomitação, um movimento que consiste convocar o maior número possível de usuários a utilizarem o emoji⁸ Meep  em postagens julgadas ofensivas à justiça e à democracia. É esse movimento que emerge discursivamente, produzindo o sentido de contestação ao texto asgado “Não fale em crise. Trabalhe.”, enunciado referido pelo então presidente em exercício Michel Temer, em seu discurso de posse. Nessa análise, diremos que o *meio material* do discurso consiste no conjunto complexo em que tecnologia (digital) e espaço (urbano), mas também tecnologias do urbano (outdoor) e espaço digital (emoji), se ligam materialmente no texto pelos meios simbólicos de circulação do discurso. Não se trata de uma divisão entre o *on-line* e *off-line*, mas de considera-los materialmente ligados.

De modo abstrato, *on-line* e *off-line* podem ser consideradas separadamente, mas, da perspectiva discursiva, estão materialmente ligados. Assim, se durante uma viagem recebemos em nosso smartphone uma notificação de acidente à frente (conforme figura 8), não podemos considerar esse alerta da perspectiva *on-line* ou *off-line*; não é possível produzir sentido para o acidente como fato ao manter essa divisão. Se, no entanto, considerarmos o *meio material*, tecnologia e espaço ligados materialmente, em certas condições de produção do sentido, com seus efeitos e sua memória histórica, não estratificada, estaremos falando em termos de materialidade digital. O digital, aí, significa pelas suas condições de produção discursivas, e não por suas condições técnicas, físicas, que seria o caso do suporte. A escrita, na pedra, no papel, na pele de animal ou no muro da cidade, não significa pelo suporte no qual se inscreve, mas pela forma material, linguístico-histórica na qual se textualizam sentidos em certas condições de produção.

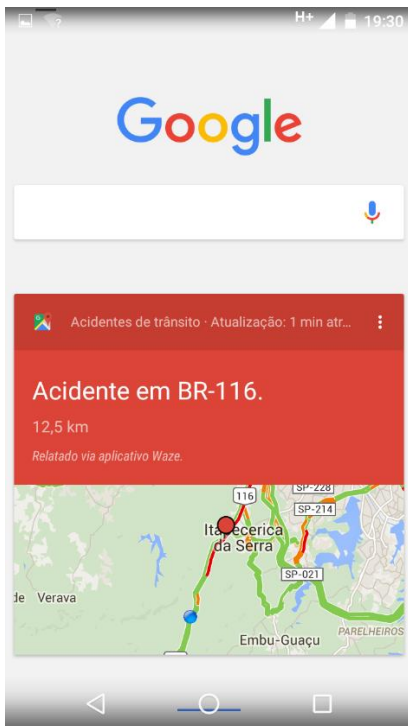


Figura 12 - Captura de tela de smartphone pessoal



Figura 13 - Foto de arquivo pessoal – BR 116 (Itapecerica da Serra)
17 jul. 2016

Desse modo, a materialidade digital não deve se confundir com suporte porque o que chamamos materialidade digital é o processo de significação que se dá pela emergência da discursividade digital na forma material do discurso (texto, imagem, cena urbana, etc.), e em certo *meio material* (aplicativo, outdoor, rede social, cidade etc.). Podemos dizer, a partir das análises apresentadas anteriormente, que a materialidade digital inclui tanto o *meio material* que, por sua vez, reúne de modo constitutivo as tecnologias do urbano às tecnologias digitais, quanto a forma material, que, por seu lado, reúne língua e história.

Nota conclusiva

Enquanto analistas do discurso, não devemos esquecer que é o funcionamento da interpretação que interessa. E é nessa medida que consideramos o técnico como parte da própria linguagem. Nos trabalhos de Paveau (2015, p. 52, 2015a) em ADN (Analyse du Discours Numérique), o técnico faz parte da própria linguagem, assim como o social, o cultural, o histórico, o ético, o objtetal, o animal etc., constituindo o que a autora chama “compósito heterogêneo”⁹.

O digital é, portanto, “matéria significante” (ORLANDI, 1998). Para Orlandi, por não ser indiferente à matéria significante, a análise do discurso nunca se restringiu à língua ou à escrita como lugares de constituição do sentido. Daí meu interesse pelos processos de significação da mobilidade urbana e seus efeitos na constituição dos sentidos, dos sujeitos, da própria linguagem, a partir do digital.

Referências bibliográficas

- DEBRAY, Régis. *Manifestos midiológicos*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.
- _____. *Curso de midialogia geral*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis/RJ: Vozes, 1993.
- CULIOLLI, Antoine. Table-ronde discours, histoire-langue. In: CONEIN, Bernard et. al. (orgs.) *Matérialités discursives*. Nanterre: Presses Universitaires de Lille, 1981. pp. 177-198.
- LAFONT, Hubert. Introduction. Modernes mobilités urbaines. In: KAPLAN, Daniel; LAFONT, Hubert. *Mobilités.net: villes, transports, Technologies face aux nouvelles mobilités*. Paris : FING-LDG, 2004. pp. 17-21.

- ORLANDI, Eni. Parkour: corpo e espaço reescrivem o sujeito. In. *Línguas e instrumentos linguísticos*. N. 34, jul-dez, 2014.
- _____. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Ponte, 2012.
- _____. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.
- _____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.
- _____. *N/o limiar da cidade*. In. *Rua Especial*. Jul, 1999. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/issue/view/699/showToc>
- _____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- PAVEAU, Marie-Anne. *Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas*. Trad. Ivone Benedetti. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.
- _____. “Composite », *Technologies discursives*, [Carnet de recherche], ago/2015a <http://technodiscours.hypotheses.org/?p=699>. Acesso em : 28 jul. 2016.
- _____. “Technologie discursive », *Technologies discursives* [Carnet de recherche], <http://technodiscours.hypotheses.org/?p=277>, jan/2013. Acesso em : 25 jul. 2016.

Palavras-chave: materialidade digital, meio material, mobilidade

Mots-clés: matérialité numérique, medium matériel, mobilité

Notas

¹ O desenvolvimento do aplicativo insere-se no projeto SenseMyCity, desenvolvido no âmbito do FutureCities, da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (equipe liderada por Ana Aguiar). Ver: <http://futurecities.up.pt/site/entrevista-com-ana-aguiar/>. Para saber mais sobre a pesquisa SenseMyMood ver: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/83322/2/125905.pdf>

² Tradução: “O conjunto dos processos de discursivização da língua no meio tecnológico. É um dispositivo no seio do qual a produção languageira e discursiva está intrinsecamente ligada a instrumentos tecnológicos online e off-line (computadores, telefones, tablets, softwares, aplicativos, sites, blogs, redes, plataformas...). A tecnologia discursiva implica uma natureza compósita das produções languageiras.”

³ Orlandi (1998, 1999, 2001) faz a distinção entre ordem e organização. Ordem é da instância do real do discurso e a organização da instância do imaginário. Para a autora,

a organização “não expressa concepções de mundo mas dá indícios de como o autor pratica significações” (2001, p. 12, 13).

⁴ Tradução: “Podemos conceber a materialidade como um fenômeno, no limite, físico, suscetível de uma análise espaço-temporal.

Por outro lado, podemos também concebê-la, para continuar esse gênero de metáfora, como uma espécie de bloco incontornável, a partir do qual podemos reconstruir alguma coisa.

Mas podemos também sonhar com uma outra concepção da materialidade, segundo a qual o enunciado é um construto teórico (...)”

⁵ Tradução: “Esse seria um outro emprego de “materialidade”: não matéria (preexistente de toda forma como unidade física) mas forma. Esta forma não seria amorfa, mas produzida por todo um conjunto de operações, constitutivas de toda atividade simbólica humana. ”

⁶ Cabe esclarecer que, para Orlandi (2001, p. 9), os três momentos do processo de produção dos discursos são inseparáveis, porém, “por necessidade teórica ou por opção metodológica em relação a nossos procedimentos analíticos” (idem, p. 12), é possível privilegiar uma dessas instâncias em relação à outra. Sendo assim, considerados em suas especificidades, cada um, ao mesmo tempo que os outros dois sendo parte do processo de significação. Nesse artigo, faz-se necessário privilegiar a instância da circulação por uma necessidade teórica, pois é o nessa instância da produção do discurso que o meio material se torna mais relevante.

⁷ Os grifos são meus.

⁸ “Emoji é de origem japonesa, composta pela junção dos elementos *e* (**imagem**) e *moji* (**letra**), e é considerado um **pictograma** ou ideograma, ou seja, uma **imagem que transmite a ideia de uma palavra** ou frase completa. ”
<http://www.significados.com.br/emoji/> Acesso em 27/07/2016.

⁹ « (...) le terme *composite* désigne la co-constitution du langagier et du technique dans les discours natifs d’internet. Les observables ne sont plus alors des matières purement langagières, mais des matières *composites*, métissées de non-langagier de nature technique. » Tradução : « (...) o termo *compósito* designa a co-constituição do languageiro e do técnico nos discursos nativos da internet. Os observáveis não são mais matérias puramente languageiras, mas matérias *compósitas*, mescladas do não-languageiro de natureza técnica. ” (Paveau, 2015a)